

# Análise de ausência de diversidade étnica nos telejornais brasileiros

Claudia Rosa Acevedo  
Luiz Valério de Paula Trindade

## Introdução

Verifica-se que a estética do telejornalismo brasileiro transmitido pelas principais emissoras de TV de sinal aberto (Cultura, SBT, Globo, Record, RedeTV!, Gazeta e Bandeirantes) é formado predominantemente por jornalistas brancos e, conseqüentemente, constata-se existir pouca diversidade étnica nestes programas. Adicionalmente, observa-se também que questionamento similar foi objeto de estudo coordenado por Araújo (2007) no sentido de mapear não somente a presença de jornalistas afro-descendentes nos telejornais, mas também o nível de diversidade étnico-cultural na programação de TVs públicas.

Diante deste panorama, o presente trabalho tem por objetivo analisar este fenômeno de baixa participação de jornalistas afro-descendentes na condição de apresentadores dos principais telejornais de emissoras de TV de sinal aberto. Em termos de objetivo secundário do estudo ele compreende uma discussão acerca dos impactos sobre a sociedade de uma forma geral, e os indivíduos afro-descendentes de forma particular, causados pelo padrão estético vigente predominantemente uniaxial nestes programas jornalísticos.

O estudo recorre à Teoria da Figuração Estabelecidos e *Outsiders* e à Teoria das Representações Sociais como arcabouço teórico para analisar o fenômeno e o objeto de estudo compreende 27 telejornais e 65 apresentadores de ambos os sexos. Por intermédio da técnica de análise de conteúdo, procurou-se identificar a proporção de apresentadores brancos, afro-descendentes ou de outras etnias nos mencionados programas.

O trabalho está organizado em cinco partes, sendo que a primeira compreende a introdução ao tema da pesquisa, uma breve contextualização sobre a origem do telejornalismo no Brasil e uma investigação acerca do papel exercido pela mídia na sociedade. A seguir é apresentado o arcabouço teórico que contribui para a compreensão do fenômeno de sub-representação de minorias étnicas. Na terceira parte são apresentados os resultados da análise de conteúdo com base nos 27 telejornais selecionados. Na quarta parte, são apresentadas a discussão e as considerações finais com base na revisão da literatura e nos resultados da análise de conteúdo. Por fim, a quinta parte contém as implicações do estudo, suas limitações e sugestões para pesquisas futuras.

## Revisão da literatura

### *Surgimento do telejornalismo brasileiro*

No que diz respeito ao ensino de jornalismo no Brasil, é possível observar que alguns de seus principais marcos dão-se com a instituição em 1947 da Fundação Casper Líbero em São Paulo e posteriormente, em 1966, com a criação da Faculdade de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (Rocha, 2005). Embora o ofício de jornalista já fosse exercido no Brasil anteriormente a 1947, considera-se que a fundação destas duas faculdades contribui para a maior profissionalização e sistematização no exercício desta atividade (Rocha, 2005).

Verifica-se que também na mesma época tem início a história do telejornalismo nacional. Ele se dá mais precisamente em 19/09/1950 por intermédio do programa *Imagens do Dia* transmitido pela primeira emissora do país, a PRF-3 TV Difusora, sediada em São Paulo (Jones Jr., 1995; Almeida, 2001). Este telejornal pioneiro teve vida útil de pouco menos de três anos, até ser sucedido pelo *Telenotícias Panair*. Contudo, este telejornal teve duração ainda mais curta e, após pouco mais de um ano no ar deixou de existir (Almeida, 2001).

Posteriormente a estes dois programas pioneiros, verifica-se que em 17/06/1953 ocorre a estréia do telejornal *Repórter Esso*, levado ao ar pela TV Tupi, o qual obteve grande sucesso e longevidade permanecendo no ar até 1970 (Jones Jr., 1995; Almeida, 2001). Observa-se também que além do sucesso obtido e da longa duração, quando comparado com seus predecessores, este telejornal caracterizou-se também como um importante marco em termos de linguagem jornalística, a qual viria a influenciar grandemente seus sucessores. De acordo com Almeida (2001: 47), a linguagem jornalística adotada pelo *Repórter Esso* caracteriza-se por um intercale de “filmes com notícias – num esquema locutor-filme-locutor – muito pouco renovada até agora e que ainda é a base dos nossos principais telenoticiários”.

O marco seguinte na história do telejornalismo brasileiro deu-se em 01/09/1969 com a estreia do *Jornal Nacional* transmitido pela Rede Globo de Televisão, o qual foi criado sob inspiração dos telejornais norte-americanos em termos de formato, padrão estético e linguagem jornalística (Silva, 1983; Rezende, 1985; Almeida, 2001; Travancas, 2006). Nos anos seguintes, este telejornal veio a consolidar-se como o mais bem sucedido do país em termos de audiência.

Nesta linha de raciocínio, faz-se importante analisar que o sucesso auferido tanto pelo *Repórter Esso* quanto pelo *Jornal Nacional* dependeram, em grande parte, de dois fatores primordiais: 1. a popularização dos aparelhos de TV nos lares brasileiros; 2. o crescente alcance da cobertura geográfica por parte das emissoras.

Se, por um lado, nos primórdios do telejornalismo brasileiro existiam muito poucos aparelhos televisivos disponíveis no país, com o passar dos anos a indústria de produtos eletro-eletrônicos percebeu o potencial mercadológico deste produto e procurou atender à demanda (Almeida, 2001). Desta forma, a evolução do número de aparelhos disponíveis nos lares brasileiros deu-se de forma tão significativa (Tabela 1) a tal ponto que atualmente sua penetração atinge 89% dos lares brasileiros (Oliveira; Albuquerque, 2002: 26).

**Tabela 1:** *Evolução da quantidade de aparelhos de TV nos lares brasileiros*

<b>Ano</b>	<b>Nº de Aparelhos</b>	<b>População</b>	<b>Proporção (Aparelhos / Hab.)</b>
<b>1954</b>	120.000	51.914.397	1 / 433
<b>1960</b>	1.800.000	70.070.457	1 / 39
<b>1970</b>	6.000.000	93.139.037	1 / 16
<b>1998</b>	38.000.000	142.763.545	1 / 4

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Almeida (2001) e IBGE (2000)

Além do aspecto de popularização dos aparelhos de TV conforme exposto, verifica-se que Silva (1983: 26), destaca que um dos fatores determinantes do grau de sucesso alcançado por um determinado telejornal diz respeito à abrangência geográfica da rede transmissora. Desta forma, esta argumentação contribui para compreender porque atualmente a maioria das emissoras de sinal aberto conta com grande número de afiliadas (ou redes retransmissoras) em âmbito nacional.

Sendo assim, a popularização crescente dos aparelhos de TV, aliada ao também crescente alcance geográfico das transmissões, conduz ao conceito de níveis de audiência, o qual se tornou o principal parâmetro para a medição do grau de sucesso auferido por determinado programa televisivo, bem como para a definição do valor a ser cobrado pelas inserções comerciais ao longo dos intervalos (Silva, 1983; Almeida, 2001).

Neste aspecto, a medição realizada em lares brasileiros pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística – IBOPE desde 1954 tornou-se ao longo dos anos na principal referência para este tipo de aferição (Aidar; Hamburger; Almeida, 2006; Guimarães, 2006; IBOPE, 2009). De acordo com Almeida (2001), a metodologia de medição adotada pelo IBOPE compreende a instalação de um aparelho chamado *Peoplemeter* em uma amostra de 3.500 residências em São Paulo, de tal forma que, cada ponto de audiência medido pelo IBOPE representa 80.000 espectadores sintonizados no mesmo programa. Neste contexto, é possível verificar que a audiência média de alguns telejornais é bem significativa, conforme demonstrado na Tabela 2.

**Tabela 2:** Amostra de audiência de alguns telejornais

<b>Emissora</b>	<b>Nome do Telejornal</b>	<b>Audiência (pontos)</b>	<b>Telespectadores</b>
<b>SBT</b>	SBT Brasil	8,0	640.000
	Jornal do SBT	2,1	168.000
	Jornal do SBT Manhã	4,9	392.000
<b>Bandeirantes</b>	Jornal da Band	6,0	480.000
	Jornal da Noite	1,2	96.000
<b>Record</b>	Fala Brasil	8,3	664.000
	Jornal da Record	12,7	1.016.000
<b>Globo</b>	Jornal Nacional	35,0	2.800.000

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Salzano Jr. (2005), Lima (2006), TV Aberta (2006), Rede Record (2007).

Outro aspecto igualmente relevante para ser analisado diz respeito à inserção de profissionais afro-descendentes na área de jornalismo. Neste sentido, verifica-se a existência de diversos estudos e levantamentos de caráter quantitativo que procuram evidenciar objetivamente que os indivíduos afro-descendentes, de uma forma geral, apresentam uma situação mais desfavorável no mercado de trabalho frequentemente relacionado à tríade baixa escolaridade, maior incidência de pobreza e menor nível de remuneração (Chaia, 1987). Contudo, apesar destas características demográficas de caráter negativo, Oliveira (2006: 4) constata que na população economicamente ativa de seis regiões metropolitanas (Belo Horizonte, Distrito Federal, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo), na média, 44,7% das pessoas ocupadas são afro-descendentes.

Adicionalmente, com base nos dados do Questionário de Avaliação Sócio-Econômica da FUVEST (2008), é possível observar que, ao longo dos nove anos analisados, tem crescido significativamente a participação relativa de jovens afro-descendentes ingressando na área de jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (Tabela 3).

**Tabela 3: Classificação étnica dos inscritos no vestibular de Jornalismo da USP**

Ano	Inscritos no Vestibular	Formulários entregues	Relação (entregues/inscritos)	Etnia			
				Branca	Afro-Descendente	Amarela	Índigena
2000	2.618	2.605	99,5%	85,0%	10,5%	3,6%	0,8%
2001	2.700	2.649	98,1%	82,3%	13,7%	3,3%	0,7%
2002	3.012	2.967	98,5%	80,9%	13,8%	4,2%	0,9%
2003	3.250	3.211	98,8%	79,7%	15,4%	3,9%	0,8%
2004	2.880	2.845	98,8%	76,7%	19,7%	3,3%	0,3%
2005	2.816	2.798	99,4%	72,2%	23,6%	3,4%	0,6%
2006	3.262	3.242	99,4%	70,2%	26,1%	3,1%	0,1%
2007	2.722	2.704	99,3%	74,5%	22,4%	2,7%	0,4%
2008	2.538	2.513	99,0%	75,6%	21,2%	2,6%	0,4%

Fonte: elaborado pelos autores com base em FUVEST (2008).

Certamente que não se pretende utilizar os dados da FUVEST (Tabela 3) como representante do universo de cursos de jornalismo no país. Porém, considera-se que os dados contribuem para uma maior compreensão do quadro geral e também como sinalizador de tendências. Percebe-se assim que a proporção de jovens afro-descendentes ingressando na carreira de jornalismo tem estado superior a 20% ao longo dos últimos quatro anos. Complementarmente, observa-se que Sato (2002) aponta existirem 20.961 profissionais de jornalismo no país e a Adital (2006), por sua vez, afirma que 15,7% deste contingente é formado por afro-descendentes. Adicionalmente, verifica-se que Lima (1971) realizou uma investigação antropológica das relações raciais a partir da participação e inserção do afro-descendente na televisão de São Paulo, onde identificou-se que no âmbito das atividades profissionais das emissoras de televisão, os afro-descendentes encontram-se na base da estrutura, em funções com baixas exigências de qualificação. Sendo assim, mesmo depois de passados quase 40 anos, o panorama identificado por Lima (1971) não apresentou modificações substanciais.

### ***Papel social desempenhado pela mídia***

Conforme advogado por Guareschi et al (2002), Cappelle et al (2003) e Trindade (2008), a mídia possui um papel muito importante na sociedade como agente produtora de discursos e, além disso, uma vez que ela contribui fortemente na construção e reforço de representações sociais, é por seu intermédio que os diferentes grupos sociais obtêm reconhecimento, visibilidade e afirmação de sua identidade. Adicionalmente, conforme argumentado por Travancas (2006), os meios de comunicação de massa desempenham um papel de grande relevância na sociedade, pois atuam como elemento ativo de elaborações coletivas. Ademais, embora “muitas vezes os jornais e os jornalistas sejam considerados fontes secundárias para o estudo de nossas sociedades complexas, eles são uma chave na produção cotidiana de representações coletivas” (Travancas, 2006: 1).

Ferreira (2004) defende também que as emissoras de televisão têm sua estratégia de programação baseada fundamentalmente em um ritual de repetição, o qual é responsável por gerar audiência e fidelidade por parte do telespectador. Ou seja, “as ideias de totalidade e de uniformidade de uma emissora se realizam por meio de uma estética que é aferida na repetição de signos, formas, modelos de programas, cenários, personagens e enredos, cores, gestos e discursos” (Ferreira, 2004: 87).

Verifica-se também que Rezende (1985: 4) corrobora com esta argumentação ao afirmar que “os conteúdos [dos programas de TV] são, na verdade, rigidamente repetidos. Personagens e situações estereotipadas aparecem em quase todas as produções da cultura de massa”. Além disso, “a produção jornalística na televisão comercial inspira-se, dessa maneira, no modelo publicitário, subjugando-se aos princípios da ideologia do consumo” (Rezende, 1985: 5).

Isto significa que a estética predominante dos telejornais composta por apresentadores e jornalistas brancos, aliados ao modelo de repetição adotado pelas emissoras e grandes índices de audiência, contribuem para a geração de uma percepção de enorme invisibilidade social de profissionais de outras origens étnicas, sobretudo afro-descendentes. Ademais, constata-se também que este panorama coaduna-se com os pressupostos da Teoria da Cultivação de George Gerbener, a qual estabelece que repetidas exposições de determinadas representações e modelos estéticos nos meios de comunicação de massa podem resultar em sua aceitação pela sociedade como sendo a expressão fiel da realidade (Greunke, 2000; Rangel, 2004).

Levando-se em consideração que 89% dos lares brasileiros possuem aparelho de TV (Oliveira; Albuquerque, 2002) associado ao elevado índice de audiência alcançado por diversos dos telejornais analisados (Tabela 2), tem-se que eles contribuem significativamente na disseminação na sociedade de uma estética de caráter nômico e reforço desta imagem no imaginário coletivo. Neste sentido, Baptista da Silva *et al* (2007: 23) afirmam que “no imaginário brasileiro, o personagem branco é aceito como protagonista, posicionando o negro e o indígena à margem”.

## **Arcabouço teórico**

### ***Teoria da Figuração Estabelecidos e Outsiders***

Por intermédio de uma investigação conduzida em uma pequena comunidade localizada no interior da Inglaterra, Elias; Scotson (2000) desenvolveram a Teoria da Figuração Estabelecidos e *Outsiders*. A comunidade se caracterizava por possuir como núcleo um bairro relativamente antigo e, ao redor dele, duas povoações formadas em época mais recente. Diante deste panorama, os autores se propuseram a examinar minuciosamente as relações sociais vigentes entres estas três sub-comunidades.

Eles identificaram que uma das principais características que marcava o processo de relações sociais entre os moradores do bairro antigo e os habitantes das demais zonas era a existência de uma divisão entre eles. O grupo mais antigo, denominado pelos autores como Estabelecidos, “atribuía a seus membros características humanas superiores”, similarmente a uma aristocracia. Em contrapartida, os não-membros deste grupo eram tratados como inferiores sob diversos aspectos, ou *Outsiders*, conforme denominado por Elias; Scotson (2000: 19-20).

Poder-se-ia considerar que a origem ou justificativa para a divisão fosse fundamentada em aspectos como nacionalidade, origem étnica ou raça, por exemplo. Contudo, não somente estes fatores não eram preponderantes, como também não se verificaram diferenças significativas em termos de tipo de ocupação exercida, nível de renda ou escolaridade. Desta forma, Elias; Scotson (2000) identificaram que o único fator relevante de diferenciação entre os grupos era o tempo de residência naquela comunidade. Ou seja, tem-se assim que o grupo coeso de Estabelecidos impingia aos não-membros diversas caracterizações ou estigmatizações. Elias; Scotson (2000: 23-27) sustentam que era possível identificar uma sociodinâmica da estigmatização nesta figuração Estabelecidos e *Outsiders*. Diante deste quadro, os autores introduzem também um importante conceito permeando as relações sociais nesta comunidade que compreende o caráter nômico e anômico. Isto é, o grupo Estabelecido tende a atribuir a si próprio uma imagem positiva, exemplar, nômico ou normativo e por outro lado, aos *Outsiders* são atribuídos um conjunto de características ruins, negativas ou anômicas.

Observa-se também que esta configuração mantém certa similaridade com o conceito de maioria e minoria apresentado por Roso *et al* (2002), onde, de acordo com estes autores, no contexto de relações sociais, maioria e minoria não necessariamente mantém correlação direta com aspectos eminentemente quantitativos. A argumentação de Roso *et al* (2002: 77) pressupõe que maioria se refere “a qualquer grupo de pessoas que controle a maior parte de recursos econômicos, de *status* e de poder, estabelecendo, assim, relações injustas com as minorias”. Por outro lado, as minorias representam os “segmentos da sociedade que possuem traços culturais ou físicos específicos que são desvalorizados e não inseridos na cultura da maioria, gerando um processo de exclusão e discriminação”.

Além disso, Roso *et al* (2002: 78) afirmam também que “a partir do olhar da maioria, o ‘outro’ se apresenta com conotação negativa, e a ‘maioria’, uma positiva”. Corroborando com esta argumentação de Roso *et al* (2002), Elias; Scotson (2000: 23) afirmam também que “um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído”.

No que diz respeito aos meios de reforço e manutenção da condição de Estabelecidos e *Outsiders* dentro de uma comunidade, a pesquisa de Elias; Scotson (2000) revelou existirem diversos mecanismos, tais como: a) a coesão existente

entre o grupo de Estabelecidos a qual era reforçada, em grande parte, pela “antiguidade” de seus membros; b) grande diferencial de acesso e exercício de poder (econômico, político e social); c) super-exposição e valorização do grupo nômico de tal forma que o grupo anômico aspire a mudar de condição e igualar-se ou pertencer ao primeiro; d) o grupo nômico reforça sua condição normativa pela prática da disseminação de fofoca elogiosa (denominada pelos autores como *pride gossip*); e) disseminação de fofocas de caráter depreciativas (*blame gossip*) por parte dos Estabelecidos em relação aos *Outsiders*; f) estabelecimento de fortes vínculos de intimidades emocionais entre os membros do grupo das “famílias antigas”; g) em algumas configurações sociais o contato entre Estabelecidos e *Outsiders* restringe-se tão somente a relacionamentos profissionais, de tal forma que se mantenha a coesão do grupo dominante.

É emblemático observar também que o exercício de sua condição de Estabelecidos acarreta consequências diversas sobre os *Outsiders*. Elias; Scotson (2000) evidenciam isto ao sustentarem que a superexposição dos Estabelecidos reforça a coesão do grupo nômico e contribui para manter os *Outsiders* na condição de anômicos.

Ademais, Elias; Scotson (2000: 27) identificaram que parcela da minoria estigmatizada tende a internalizar os valores e crenças da maioria. Ou seja, os grupos Estabelecidos costumam encontrar um aliado numa voz interior dos indivíduos socialmente marginalizados, que contribui para reforçar as estigmatizações a eles impostas. Elias; Scotson (2000: 31) acrescentam ainda que “crescer como membro de um grupo *Outsider* estigmatizado pode resultar em déficits intelectuais e afetivos específicos”. Neste sentido, Elias, Scotson (2000) citam como exemplo, a ancestral minoria *Burakumin* no Japão a qual, por estar relacionada a grupos encarregados de atividades profissionais consideradas de baixa categoria (ligadas à morte, ao parto, ao abate de animais) foram fortemente estigmatizados. Elias; Scotson (2000: 35) advogam que “no Japão como noutros lugares, a condição de pária desse grupo [*Burakumin*] tenha caminhado de mãos dadas com formas de exploração econômica”. Já em âmbito brasileiro, verifica-se que a forma de exploração econômica mais emblemática deu-se pelo exercício da escravidão de indivíduos africanos, pois, nos primórdios do processo de urbanização de São Paulo, os imigrantes europeus (alemães, italianos e portugueses) desempenhavam ocupações diversificadas, enquanto “os escravos e ex-escravos se dedicavam a ocupações pouco desejadas, como a coleta de lixo” (Schwarcz, 2001: 50).

### **Teoria das Representações Sociais**

Os pressupostos desta teoria consistem na “consideração de aspectos individuais e coletivos do conhecimento social, ou seja, o sujeito se constitui nas relações sociais e esse fato ocorre através da linguagem” (Fernandes, 2003: 1-2). Verifica-se

que as representações sociais resultam da individualidade dos constituintes de um determinado grupo social, sua interação com esta coletividade e manifesta-se por intermédio dos signos linguísticos utilizados por este grupo. Jovchelovitch (apud Acevedo et al, 2006: 3) sustenta que “as representações da realidade são construídas pelos indivíduos a fim de interpretar, compreender e criar suas identidades na sociedade”. Sendo assim, a interação entre o indivíduo e a sociedade faz com que, em um primeiro momento, ele apreenda o ambiente que o cerca e, concomitantemente, posicione-se neste grupo por intermédio de sua identidade.

É possível observar também que, dado o fato de as representações sociais envolverem um processo de interpretação da realidade e consequente posicionamento do indivíduo perante ela, tem-se que sua instrumentalização dá-se por intermédio do que Fernandes (2003: 1-2) denomina como “conhecimento social” e Horta (1995) chama de *stock* cultural. Ambos os conceitos abarcam um conjunto de ideias, valores, crenças e ideologias que permitem ao observador avaliar e interpretar a realidade. Moscovici (1994) aborda este aspecto ao afirmar que algumas representações podem ser baseadas principalmente em conhecimento transmitido e crenças incutidas nas pessoas. Quenza (2005), por sua vez, salienta que a cultura é responsável por moldar e estruturar as representações sociais, de tal forma a prover meios de reflexão e materialização da realidade que se apresenta para os indivíduos.

Sendo assim, esta teia de relações causais é reforçada pela argumentação de Moscovici (apud Acevedo et al, 2006: 5) quando o autor diz que “as representações sociais orientam e dão lógica aos comportamentos, modificando e reconstruindo os elementos da realidade no qual eles se inserem”. Complementarmente, Pontes; Naujorks; Sherer (2001: 2) apresentam o termo “sujeito-sociedade” como uma forma de simbolizar a interação entre o indivíduo e o coletivo no processo de representação social e que estas autoras sustentam também que é característico nas sociedades contemporâneas a definição de parâmetros “‘normal’ e ‘patológico’ dentro de uma conjuntura discursiva” nesta relação sujeito-sociedade.

Desta forma, similarmente ao processo interativo observador/observado exposto por Oliva (2003), tem-se que as representações sociais permeiam a sociedade por intermédio dos meios de comunicação social, tais como programas de televisão, cinema, livros didáticos, propaganda e inclusive histórias em quadrinhos (Trindade, 2008; Faria, 2008). Contudo, no que diz respeito às relações raciais e/ou de gênero em termos de representações sociais, constata-se a existência do que Corsini; Filho (2001: 67) denominaram como “dissemetria” de representações entre os diversos indivíduos do grupo social, na medida em que apenas um grupo étnico desfruta de visibilidade nos meios de comunicação social. Bristor; Lee; Hunt (1995) afirmam também que a assimetria de representação social cria mais descrições negativas e limitadas dos afro-descendentes do que elas se encontram na realidade. Corroborando com este raciocínio, Brandão (2006: 4) questiona como pode ser possível para

os indivíduos afro-descendentes enxergarem-se como tal e demonstrar orgulho de sua história e identidade étnica, a partir do momento em que “seus símbolos são todos brancos/ocidentais”, amplamente disseminados e reforçados pelos meios de comunicação social.

### **Análise de conteúdo**

De acordo com Berelson (1952), a técnica de análise de conteúdo caracteriza-se por ser um método objetivo, sistemático e quantitativo de descrever a manifestação do conteúdo de uma peça de comunicação. Neste sentido, Kassirjian (1977) corrobora com esta argumentação ao advogar que a análise de conteúdo constitui-se em uma técnica que permite a descrição do conteúdo de uma peça de comunicação de forma científica, objetiva, sistemática e quantitativa. Barthel (1988) e Scott (1994), por sua vez, afirmam que a análise de conteúdo baseia-se na premissa que imagens e textos contêm significados que podem ser medidos e avaliados de forma objetiva e sistemática.

Conforme já mencionado no presente trabalho, o objeto de estudo é composto de 27 telejornais e seus 65 apresentadores. Os telejornais eleitos para comporem a amostra foram identificados com base no Guia de TV (2009) e os dados referentes aos seus apresentadores foram obtidos por intermédio do *website* dos respectivos programas (acessos realizados em 26/03/2009).

A proposta do presente estudo consiste tão somente na identificação da proporção de indivíduos brancos, afro-descendentes ou de outras etnias como apresentadores de telejornais e, portanto, não há intenção de analisar ou discutir o conteúdo ou o discurso dos referidos programas.

No que diz respeito às categorias de análise, em conformidade com os objetivos da pesquisa, estabeleceu-se que é composto de apenas uma, ou seja, a etnia dos apresentadores. Para este efeito, com base nas imagens dos referidos profissionais disponíveis no *website* dos programas, recorreu-se a características como: a) cútis; b) tipo de cabelo (crespo, encaracolado ou liso); c) constituição do nariz; d) lábios. Além destas quatro categorias citadas, decidiu-se também em subdividir a amostra por gênero a fim de avaliar como o fenômeno se manifesta nesta categoria. Salienta-se também que esta abordagem metodológica está em conformidade com pesquisas anteriores tais como, Kassirjian (1969: 31), Bush; Solomon; Hair Jr. (1977: 22), Wilkes; Valencia (1989: 23-24), Taylor; Landreth; Bang (2005: 18) e Hazel; Clarke (2008: 11).

Adicionalmente, optou-se também por estruturar a tabulação com base nos nomes dos apresentadores por considerar que esta abordagem contribui para a elevação da confiabilidade dos resultados e também porque permite identificar com mais clareza profissionais que, eventualmente, trabalham em mais de um telejornal da mesma emissora (Tabela 4).

Desta forma, a pesquisa identificou 65 apresentadores únicos (ou seja, desconsiderando-se 16 profissionais que estão presentes em mais de um telejornal) e foi possível constatar que a participação de jornalistas afro-descendentes como apresentadores é de 6,15%, enquanto a de indivíduos brancos está em 93,85%.

**Tabela 4: Grade dos principais telejornais de emissoras de sinal aberto e relação de apresentadores**

Emissora	Horário	Nome do Telejornal	Apresentadores						Participação Relativa/Programa		Participação Relativa/Emissora		
			Brancos			Afro-Descendentes			Total Geral	Brancos	Afros	Brancos	Afros
			Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total					
Cultura	21:00	Jornal da Cultura	Adão Quiroga	Laila Dava, Michele Dufour, Adriana Couto	4				4	100%	0%	100%	0%
	05:00	Jornal do SBT Manhã	Hermano Henning	Analice Nicolau	2		Joyce Ribeiro	1	3	66,7%	33,3%	80%	20%
SBT	21:30	SBT Brasil	Carlos Nascimento		1			1	100%	0%			
	00:00	Jornal do SBT	Carlos Nascimento	Cynthia Benini	2			2	100%	0%			
Globo	06:25	Bom dia SP		Mariana Godoy	1			1	100%	0%			
	07:15	Bom dia Brasil	Renato Machado, Alex Escobar, Alexandre Garcia	Renata Vasconcelos, Cláudia Bontempo, Michelle Loreto, Miriam Leitão	7			7	100%	0%			
	12:00	SPTV 1ª Edição	Chico Pinheiro, Carlos Tramontina	Carla Vilhena, Flávia Freire, Rosana Jatobá	5			5	100%	0%			
	12:45	Globo Esporte	Tiago Leifert	Glenda Kozłowski	2			2	100%	0%			
	13:15	Jornal Hoje	Evaristo Costa	Sandra Annenberg, Mariana Godoy, Ana Paula Araújo, Rosana Jatobá	5		Zuleide Silva	1	6	83,3%	16,7%		
	19:00	SPTV 2ª Edição	Carlos Tramontina, César Tyali	Monalisa Perrone	3			3	100%	0%	93,1%	6,9%	
	20:15	Jornal Nacional	William Bonner, Alexandre Garcia, Chico Pinheiro, Renato Machado, Marcio Gomes, William Wasak	Fátima Bernardes, Carla Vilhena, Sandra Annenberg, Renata Vasconcelos	10	Heraldo Pereira			10	100,0%	0,0%		
	01:25	Jornal da Globo	William Wasak, Arnaldo Jabor, Carlos Alberto Sardenberg, Alexandre Garcia	Christiane Pelajo	5				5	100%	0%		
	Record	07:00	São Paulo no Ar	Luciano Faccioli		1			1	100%	0%		
		08:00	Fala Brasil	Marcos Hummel	Luciana Liviero	2			2	100%	0%	100%	0%
18:10		SP Record	Reinaldo Gottino		1			1	100%	0%			
20:00		Jornal da Record	Celso Freitas	Adriana Araújo	2			2	100%	0%			
Rede TV!	19:20	Notícia das 7		Cristina Lyra	1			1	100%	0%	100%	0%	
	21:20	RedeTV News	Rodolpho Gamberini	Flávia Noronha	2			2	100%	0%			
Gazeta	11:00	Gazeta News		Anna Paola	1		Luciana Camargo	1	2	50%	50%		
	17:50	Gazeta News		Anna Paola	1		Luciana Camargo	1	2	50%	50%		
	18:00	Gazeta Esportiva	Celso Cardoso, Chico Lang, Flávio Prado, Osmar Garrafa	Michelle Giannella	5			5	100%	0%	88,89%	11,11%	
	19:00	Jornal da Gazeta	Laerte Vieira	Maria Lydia, Anna Paola	3		Luciana Camargo	1	4	75,0%	25,0%		
Bandierantes	07:10	Primeiro Jornal	Fernando Vieira de Mello, Joelmir Beting, Fernando Mitre		3			3	100%	0%			
	07:40	SP Acontece		Flávia Cavalcante	1			1	100%	0%			
	17:50	Brasil Urgente	José Luiz Datena		1			1	100%	0%	100%	0%	
	19:20	Jornal da Band	Ricardo Boechat, Joelmir Beting	Ticiane Villas Boas	3			3	100%	0%			
	00:00	Jornal da Noite	Boris Casoy		1			1	100%	0%			
<b>Total Geral</b>			40	35	75	1	5	6	81	92,6%	7,4%		
<b>Total Geral Único</b>			32	29	61	1	3	4	65	93,8%	6,15%		
<b>Participação Relativa Único</b>			52,46%	47,54%	100%	25%	75%	100%					

Fonte: Elaborado pelos autores

Por intermédio dos resultados obtidos na análise de conteúdo (Tabela 4) descobre-se também que das sete emissoras de TV de sinal aberto analisadas, em quatro delas (Cultura, Record, RedeTV! e Bandeirantes) não há nenhum apresentador afro-descendente em seus telejornais. Por outro lado, nas outras três emissoras, as participações relativas identificadas foram as seguintes: a) SBT = 20%; b) Gazeta = 11,1%; c) Globo = 6,9%.

Em termos de gênero, constata-se que entre os apresentadores brancos há um leve predomínio de profissionais do sexo masculino com participação de 52,46% ante 47,54% do sexo feminino. Já entre os poucos profissionais afro-descendentes identificados (quatro indivíduos), o predomínio maciço é do sexo feminino com 75% ante 25% do sexo masculino.

Verifica-se também que a expressiva predominância de apresentadores brancos (93,85%) converge com os resultados obtidos na pesquisa de Trindade (2008) sobre presença e representação de indivíduos afro-descendentes em propagandas, a qual identificou participação de 94,55% de indivíduos brancos em anúncios publicitários ao longo de 38 anos. Ademais, Baptista da Silva *et al* (2007) também identificaram grande predominância de indivíduos brancos em anúncios publicitários em jornais paranaenses (da ordem de 92,2%) e classificaram esta condição como branquitude normativa. Complementarmente, verifica-se que Fernandes (2007: 35) denomina este tipo de situação como institucionalização de “uma visão pobre e monolítica da dinâmica da economia, da sociedade e da cultura”.

Portanto, considera-se ser possível constatar que esta elevada predominância de uma etnia em relação às demais caracteriza um aspecto nômico da sociedade brasileira. Complementarmente a esta argumentação, Baptista da Silva; Rosemberg (2008: 82) afirmam que invariavelmente “o branco é tratado, nos diversos meios discursivos, como representante natural da espécie e as características do branco são tidas como a norma da humanidade”. Araújo (2007: 4) inclusive classifica esta grande predominância de jornalistas brancos como apresentadores de telejornais como “hiper-representação racial”. A ausência de representação de indivíduos afro-descendentes, indígenas e asiáticos em programas jornalísticos implica em perda de auto-estima em virtude de não se virem representados na televisão (Araújo, 2007; Vieira, 2007).

Desta forma, por intermédio do presente estudo, verifica-se que os resultados gerais coadunam-se e confirmam pesquisas anteriores (Araújo, 2004; Corrêa, 2006; Trindade, 2008) que revelaram que a presença de indivíduos afro-descendentes nos mais diversos meios de comunicação social é significativamente inferior a 10%. Considera-se também que esta baixa participação relativa torna-se ainda mais destoante quando comparada com três outros indicadores: 1. a proporção de profissionais de jornalismo afro-descendentes da ordem de 15,7% conforme exposto por Adital (2006); 2. os indivíduos afro-descendentes compreendem, pelo menos,

15,3% da população economicamente ativa do país auferindo renda mensal igual ou superior a cinco salários mínimos, caracterizada como classe média (IBGE, 2006); 3. a parcela da população formada por indivíduos afro-descendentes corresponde a 49,5% (Scolese, 2008).

## **Discussão**

Com base na revisão de literatura realizada é possível identificar que a penetração alcançada pelos aparelhos de televisão nos lares brasileiros é elevada. Somam-se a este fato a grande audiência obtida por parte dos telejornais analisados (Tabela 2) e a grande abrangência geográfica alcançada pelas emissoras. Desta forma, considera-se que a conjunção destes três fatores contribui para o estabelecimento de uma configuração que permite a disseminação e reforço de determinados padrões estéticos à sociedade. Rezende (1985) e Pereira (2004) corroboram com esta linha de raciocínio ao afirmarem que a lógica que lastreia a estratégia das emissoras de TV para obterem sucesso (medidos pelos níveis de audiência) é baseada, em grande parte, na repetição.

A elevada predominância de profissionais brancos como apresentadores de telejornais coaduna-se com a configuração Estabelecidos e *Outsiders*, na medida em que esta condição caracteriza uma super-exposição e valorização do grupo nômico enquanto as demais etnias vêm-se ou sentem-se desvalorizadas e socialmente invisíveis (Elias; Scotson, 2000; Araújo, 2007; Baptista da Silva; Rosemberg, 2008; Trindade, 2008).

Constata-se também que os meios de comunicação social exercem relevante papel na sociedade, pois, é a partir deles que os distintos grupos étnicos obtêm reconhecimento, visibilidade e afirmação de sua identidade. Contudo, a partir do momento em que não há espaço ou oportunidades para o reconhecimento social dos diferentes grupos étnicos que compõem a sociedade brasileira, o processo de elaborações coletivas e de seus papéis sociais é afetado e sofrem limitações (Guareschi et al, 2002; Cappelle et al, 2003; Trindade, 2008).

Desta forma, tendo de um lado a sub-representação de alguns grupos étnicos (no caso do presente estudo, em especial os profissionais afro-descendentes) como apresentadores de telejornais e no pólo diametralmente oposto a superexposição de indivíduos brancos, conduz à caracterização de uma elevada assimetria de representações sociais, conforme defendido por Bristor; Lee; Hunt (1995), Corsini; Filho (2001) e Brandão (2006).

Por fim, adicionalmente, verifica-se que, como a estratégia preponderante nos programas televisivos é baseada na repetição, e as representações sociais presentes em tais programas são dominadas por indivíduos brancos, tem-se que este quadro confirma os pressupostos da Teoria da Cultivação de George Gerbner. De acordo com esta teoria, repetidas exposições de determinadas representações

sociais e modelos estéticos nos meios de comunicação podem resultar em sua aceitação pela sociedade como sendo a expressão fiel da realidade (Greunke, 2000; Rangel, 2004).

### **Considerações finais**

O objetivo principal da presente pesquisa consistiu em analisar e discutir o fenômeno de baixa participação de profissionais jornalistas afro-descendentes como apresentadores de telejornais de emissoras de TV de sinal aberto.

Por intermédio da técnica de análise de conteúdo em 27 programas jornalísticos de sete emissoras foi possível identificar que a participação de indivíduos afro-descendentes é de 6,15% enquanto que a de indivíduos brancos está em 93,85%.

Verifica-se também que este quadro de sub-representação é análogo à situação encontrada em outros meios de comunicação de massa e produtos de mídia, como propagandas, cinema, livros didáticos e telenovelas (Trindade, 2008). Além disso, observa-se também que Lima (1971) já evidenciava que as funções desempenhadas por indivíduos afro-descendentes na televisão caracterizavam-se por ser de baixa qualificação e/ou predominantemente de bastidores.

Contudo, a presente pesquisa evidenciou também que em um dos cursos de jornalismo mais disputados do país, a proporção de candidatos afro-descendentes está acima de 20% já há quatro anos. Adicionalmente, segundo a Adital (2006), a proporção de profissionais afro-descendentes de jornalismo está em 15,7%.

Portanto, a pesquisa revela a existência de elevado hiato entre a proporção de profissionais afro-descendentes como apresentadores (6,15%) e o contingente de indivíduos ingressando na profissão (acima de 20%) e os já em atividade (15,3%), o que só contribui para o reforço e disseminação na sociedade de um padrão estético permeado e impregnado de representações sociais assimétricas. E a sociedade, ao ser reiteradamente exposta a este modelo, acaba conferindo credibilidade a ele e reforçando este *stock* cultural.

### **Implicações, limitações e sugestões para pesquisas futuras**

A proporção de indivíduos afro-descendentes na sociedade brasileira é bastante significativa, conforme já mencionado no presente estudo e, além disso, a amplitude e diversidade de papéis sociais exercidos por eles suplanta os estereótipos comuns de funções como artista, sambista, jogador de futebol, iletrado e servicial.

Sendo assim, considera-se que o presente estudo contribui para tecer uma análise crítica deste tipo de construção imagética junto à sociedade e suas consequências sobre os indivíduos estigmatizados. Ademais, os resultados da pesquisa evidenciam uma situação de elevada assimetria de representações sociais, seus impactos sobre

a sociedade e representa também material de suporte para o aprofundamento do debate em torno do fenômeno analisado e busca de alternativas para a mudança deste cenário.

Assim como toda pesquisa científica apresenta limitações, com o presente estudo não é diferente e avalia-se que elas compreendem, por exemplo, a abrangência dos programas jornalísticos analisados e o período pesquisado. Embora tais limitações não invalidem ou comprometam a relevância dos resultados ora obtidos, considera-se como sugestões para estudos futuros as seguintes possibilidades: a) análise comparativa entre os telejornais de canais de sinal aberto e os nacionais transmitidos exclusivamente por canais pagos (tais como Globo News, Record News e Band News); b) complementarmente, poder-se-ia realizar uma análise comparativa entre os telejornais de canais de sinal aberto, os nacionais transmitidos por canais pagos e os estrangeiros também transmitidos exclusivamente por canais pagos (tais como, por exemplo: CNN International, CNN en Español, BBC World, TV5 Monde, DW-TV e Fox News Channel).

*Claudia Rosa Acevedo*

Professora da USP e da Universidade Nove de Julho (SP)  
claudiaaac@uol.com.br

*Luiz Valério de Paula Trindade*

Ex-professor da Universidade Nove de Julho – Uninove (SP)  
luizvalerio\_mkt@yahoo.com.br

### **Referências bibliográficas**

ACEVEDO, Claudia Rosa *et al.* Representações sociais dos retratos afros na mídia de massa. In: *Encontro Nacional da ANPAD*, 30., 2006. Salvador. Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 2006, v. 1 CD. pp. 1-17.

ADITAL. Negras e negros no jornalismo. 14/07/2006. Disponível em: <<http://www.ciranda.net/spip/article1151.html>> (Acessado em 01/05/2008).

AIDAR, Tirza; HAMBURGUER, Esther Império e ALMEIDA, Heloisa Buarque. O que dizem os números sobre a audiência de TV: Grande São Paulo, 1970 a 1977. *Rede Alfredo de Carvalho*, São Luis (MA), 30/05 a 02/06/2006.

ALMEIDA, Edenilson. *A notícia nacional: como o Jornal Nacional decide o que o telespectador assiste em casa*. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da USP. São Paulo, 2001.

ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Senac, 2004. 323 páginas.

\_\_\_\_\_. (coord.). *Onde está o negro na TV pública? Fundação Cultural Palmares*, 2007.

BAPTISTA DA SILVA, Paulo Vinícius e ROSEMBERG, Fúlvia. Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In: *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2008. pp. 73-117.

- \_\_\_\_\_ *et al.* Personagens negros e brancos em peças publicitárias em jornais paranaenses. *Cadernos NEPRE*, v. 5, 2007, pp. 5-24.
- BARTHEL, Diane. *Putting on appearances: gender and advertising*. Philadelphia: Temple University Press, 1988.
- BERELSON, B. *Content analysis in communication research*. New York: Macmillan, 1952. 220 pp.
- BRANDÃO, Ana Paula. A cor da cultura: rompendo o silêncio. *XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. UnB, Brasília, 6 a 9 de setembro de 2006.
- BRISTOR, Julia M.; LEE, Renée Gravois e HUNT, Michelle. Race and ideology: African-American images in television advertising. *Journal of Public Policy & Marketing*. Spring 1995, vol. 14 (1), pp. 48-59.
- BUSH, Ronald. F.; SOLOMON, Paul J. e HAIR Jr., Joseph. There are more blacks in TV commercials. *Journal of Advertising Research*. vol. 17, n. 1, February 1977, pp. 21-25.
- CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves *et al.* A representação feminina na mídia de negócios: um estudo com duas revistas populares especializadas em gestão. In: *XVII ENANPAD*, 2003.
- CHAIA, Miguel Wady. Negro, mercado de trabalho e educação na Grande São Paulo. *Cadernos de Pesquisa*. Fundação Carlos Chagas. n. 63, novembro 1987, pp. 17-18.
- CORRÊA, Laura Guimarães. *De corpo presente: o negro na publicidade em revista*. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.
- CORSINI, Leonora e SOUZA FILHO, Edson A. de. Um estudo sobre as representações sociais de mulheres executivas: estilo de comportamento e de gestão. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 2004, v. 7, pp. 67-80.
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. 224 pp.
- FARIA, Sibeles Gomes de Santana. *Uma análise das participações dos personagens afro-descendentes nas histórias em quadrinhos de Maurício de Sousa: 1988-2008*. Monografia (Graduação em Administração) – Universidade Nove de Julho. São Paulo, 2008.
- FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. 2ª ed. revista. São Paulo: Global, 2007. 313 pp.
- FERNANDES, Sandra Maria Castiel. Representações sociais e educação especial: sentidos, identidade, silenciamentos. *Benjamin Constant*. Rio de Janeiro, 2003, v. 9, n. 24, pp. 14-19.
- FERREIRA, Soraya. A estética da repetição na televisão. *Líbero*. Ano VII, n. 13/14, 2004, p. 80.
- FUVEST- Fundação para o Vestibular, Estatísticas 2000 a 2008. Disponível em: <<http://www.fuvest.br/vest2007/estat/estat.stm>> (Acesso em: 02/04/2008).
- GREUNKE, LeAnn. The cultivation theory. *Colorado State University*, 13/11/2000. Disponível em: <<http://www.colostate.edu/Depts/Speech/rccs/theory06.htm>> (Acesso em: 27/07/2006).
- GUARESCHI, Neuza *et al.* As relações raciais na construção de identidades. *Psicologia em estudo*. Maringá, v. 7, n. 2, jul/dez 2002, pp. 55-64.
- GUIA de TV. *O Estado de S. Paulo*, Caderno 2, p. D7, 26/03/2009.
- GUIMARÃES, Camila. *TV em tela: um estudo do telejornal DFTV da Rede Globo*. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de Brasília. Brasília, 2006.
- HAZELL, Vanessa e CLARKE, JUANNE. Race and ideology in the media: a content analysis of advertisements in two mainstream black magazines. *Journal of Black Studies*. v. 39, n. 1, September 2008, pp. 5-21.

- HORTA, José da Silva. *Entre história europeia e história africana, um objecto de charneira: as representações*. Atlas do Colóquio Construção e Ensino da História da África. Lisboa: Linopazes, 1995.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – *Censo Demográfico 2000*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/censo>> (Acesso em: 17/01/2007).
- \_\_\_\_\_. *Indicadores IBGE*. O mercado de trabalho segundo a cor ou raça. Setembro 2006, 45 pp. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>> (Acesso em: 17/01/2007).
- IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística. Disponível em: <<http://ibope.com.br>> (Acesso em: 03/03/2009).
- JONES JR., Anthony Wilfred. *Aqui Agora: novo padrão de telejornalismo*. 1995. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Instituto Metodista de Ensino Superior. São Bernardo do Campo, 1995.
- KASSARJIAN, Harold. Content analysis in consumer research. *Journal of consumer research*. v. 4, n. 1, June 1977, pp. 8-18.
- LIMA, Solange Martins Couceiro. *O negro na televisão: um estudo de relações raciais*. 1971. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da USP. São Paulo, 1971.
- LIMA, Venício A. Telejornais apresentam mais do mesmo. *Observatório da Imprensa*. 13/03/2006. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=372TVQ001>> (Acesso em: 02/04/2008).
- MAJOR, Brenda e O'BRIEN, Laurie. The social psychology of stigma. *Annual Review of Psychology*, 2005, 56. Academic Research Library, pp. 393-421.
- MOSCOVICI, Serge. Social representations and pragmatic communication. *Social Science Information*. 1994, vol. 33, n. 2, pp. 163-177.
- OLIVA, Anderson Ribeiro. A história da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática. *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 25, n. 3, 2003, pp. 421-461.
- OLIVEIRA, Ana Cristina Gonçalves e ALBUQUERQUE, Antonio Celso de Paula (coords.). *Brasil 1994-2002: a era do Real*. Brasília: SECOM, 2002, 468 pp.
- OLIVEIRA, Carlindo Rodrigues *et al.* Os negros nos mercados de trabalho metropolitanos. *Estudos e Pesquisa – DIEESE*. Ano 3, n. 26, novembro de 2006, 15 pp.
- PONTES, Beatriz Santos; NAUJORKS, Maria Inês e SHERER, Amanda. Mídia impressa, discurso e representação social: a constituição do sujeito deficiente. *XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação*. Campo Grande, setembro de 2001.
- QUENZA, Carlos José Parales. On the structural approach to social representations. *Theory & Psychology*. 2005, vol. 15, n. 1, pp. 77-100.
- RANGEL, Jair G. Televisão em foco: a violência e suas relações psicossociais no contexto dos telespectadores. *Revista ALCEU*. v. 4, n. 8, pp. 51-64, jan/jun 2004.
- REDE RECORD. Ibope na Record: veja como foi o ibope dos telejornais. 01/08/2007. Disponível em: <<http://rederecordblog.blogspot.com/2007/08/ibo-pe-na-recordveja-como-foi-o-ibo-pe.html>> (Acesso em: 02/04/2008).
- REZENDE, Guilherme Jorge. *O tele-espetáculo da notícia: análise morfológica e de conteúdo de uma semana do Jornal Nacional*. 1985. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da USP. São Paulo, 1985.
- ROCHA, Paula Melani. A profissionalização no jornalismo e o mercado de trabalho para mulheres no estado de São Paulo. *Revista Jurídica Unicoc*. Ano II, n. 2, 2005, 496 pp.

- ROSO, Adriane *et al.* Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre. *Psicologia & Sociedade*, 14 (2): 74-94, jul/dez 2002.
- SALZANO JR., Costáble. SBT investe no jornalismo e quer concorrer com a Globo. *Faculdade de Artes e Comunicação da Unisantia*. 01/10/2005. Disponível em: <<http://www.online.unisantia.br/2005/10-01/midia-1.htm>> (Acesso em: 02/04/2008).
- SATO, Nelso Kengo. Número de jornalistas no Brasil: 1986 a 2002. *Federação Nacional de Jornalismo*, 2002. Disponível em: <[http://www.fenaj.org.br/arquivos/numero\\_jornalistas.doc](http://www.fenaj.org.br/arquivos/numero_jornalistas.doc)> (Acessado em 30/03/2009).
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001. 284 pp.
- SCOLESE, Eduardo. País terá mais negros que brancos neste ano. *Folha de S. Paulo*, 14/05/2008, Cotidiano, pp. C1-C5.
- SCOTT, Linda M. Images on advertising: the need for a theory of visual rhetoric. *Journal of Consumer Research*. v. 21, pp. 252-273, September 1994.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins. *Muito além do Jardim Botânico: estudo da consciência crítica dos trabalhadores face a representação do real feita pelo telejornalismo*. 1983. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da USP. São Paulo, 1983.
- TAYLOR, Charles R.; LANDRETH, Stacy e BANG, Hae-Kyong. Asian Americans in magazine advertising: portrayals of the “model minority”. *Journal of Macromarketing*, vol. 25, n. 2, December 2005, pp. 163-174.
- TRAVANCAS, Isabel. O Jornal Nacional e sua recepção entre jovens universitários. *V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da INTERCOM*. 2006, pp. 14.
- TRINDADE, Luiz Valério de Paula. *Participação e representação social de indivíduos afro-descendentes retratados em anúncios publicitários de revistas: 1968-2006*. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Nove de Julho. São Paulo, 2008.
- TV ABERTA. Ibope divulga programas mais assistidos na tevê abeta. 17/08/2006. Disponível em: <<http://teveaberta.blospot.com/2006/08/ibope-divulga-programas-mais.html>> (Acesso em: 02/04/2008).
- VIEIRA, Isabela. Negros e índios são minoria entre apresentadores e jornalistas das TVs públicas. *Agência Brasil*, 12/05/2007. Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/05/11/materia.2007-05-11.7142102555/view>> (Acesso em: 01/05/2008).
- WILKES, Robert E. e VALENCIA, Humberto. Hispanics and blacks in television commercials. *Journal of Advertising*. v. 18, n. 1, 1989, pp. 19-25.

## **Resumo**

O objetivo principal do presente estudo consiste em investigar e discutir o fenômeno de sub-representação de profissionais jornalistas afro-descendentes como apresentadores de telejornais em emissoras de TV de sinal aberto. Para a análise deste fenômeno recorreu-se à Teoria da Figuração Estabelecidos e *Outsiders* e à Teoria das Representações Sociais como arcabouço teórico. Por intermédio da técnica de análise de conteúdo em 27 programas jornalísticos de 07 emissoras foi possível identificar que a participação de indivíduos afro-descendentes como apresentadores é de 6,15% enquanto que a de indivíduos brancos está em 93,85%. Portanto, os resultados do estudo revelam que a superexposição de um grupo étnico caracteriza uma condição de elevada assimetria de representações sociais.

## **Palavras-chave**

Afro-descendentes; Jornalistas; Representações Sociais; Invisibilidade Social; Superexposição.

## **Abstract**

The aim of the present study lays in the investigation and discussion of the phenomenon of under-representation of afro-descendant journalist professionals as television news programs presenters on open signal TV channels. The theoretical framework used to analyze the phenomenon is comprised of the Theory of Established and Outsiders and the Theory of Social Representation. Through the content analysis technique on 27 television news programs from 07 TV channels it was possible to identify that the participation of afro-descendant individuals as presenters reaches 6.15% whereas Caucasian individuals tops 93.85%. Therefore, the results of the study reveal that the over exposition of one ethnic group characterize a condition of high asymmetry of social representation.

## **Keywords**

Afro-descendants; Journalists; Social Representation; Social Invisibility; Over exposition.